

Para sortear «quem fica» nos jogos infantis

Consoante as idades, e mesmo consoante o sexo, assim há jogos que as crianças preferem a outros. Há quadras do ano em que determinados jogos são os preferidos e é curioso registar que, em certos casos, há uma, por assim dizer, periodicidade na sucessão dos jogos. No que respeita por exemplo ao jogo do pião, na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, no tempo em que ali frequentei a escola primária 1907-1910, a quadra própria, fora da qual raramente se jogava, era, no outono, especialmente, nos meses de Setembro e Outubro.

Nos arredores do Porto e nos concelhos trasmontanos de Mogadouro e Moncorvo, desde há muitos anos que venho recolhendo notas e apontamentos dos jogos com que rapazes e raparigas matam o tempo, brincando, rindo e pinchando à farta.

No meu trabalho *Lenga-lengas e jogos infantis*, in «Trabalhos da Sociedade de Antropologia», Vol. VIII, Porto, 1937-1938, págs. 317-361, estudei, mais ou menos pormenorizadamente 16 jogos infantis, quase todos nas modalidades do leste trasmontano, especialmente dos concelhos de Moncorvo e de Mogadouro.

Nesse trabalho dou conta de alguns aspectos da fase inicial ou preparatória de certos jogos para apurar os que *ficam livres* e o que *há-de ficar*.

Retomo esse curioso aspecto de sortear *quem fica* quando, enquanto os outros, que ficaram livres, com toda a liberdade de movimentos, cumprem os preceitos inerentes a cada jogo.

Sempre que se organiza um jogo, ou os que nele tomam parte se dividem em dois grupos, ou então há um participante que *terá de ficar quêdo*, com a indesejada missão de correr a agarrar os outros. Isto sucede p. ex. no *jogo das escondidas* ou do *esconde-esconde*, em que um fica de esculca no *coito* enquanto os outros se vão esconder.

Esse que *há-de ficar* há-de ser sorteado entre todos.

Para isso, para se saber *quem fica*, há que fazer o apuramento daquele a quem competirá a tal missão que ninguém quer ter, e por isso todos anseiam ficar livres.

Há várias maneiras de fazer tal apuramento.

As mais das vezes tira-se à sorte.

Para isso pode *dar-se a pedrinha*.

Esconde-se numa das mãos uma pequena pedra ou qualquer outro pequeno objecto. Esta manobra é feita atrás das costas. Depois, estendidas as mãos, fechadas em punho e com o dorso voltado para cima, um dos que jogam, escolhe, por palpite, a mão que imagina vazia e dá-lhe uma sapatada. Se acerta na mão vazia, fica livre; se pelo contrário calha bater na mão da pedra, o que a dava está livre, e cabe agora a vez a este de dar a pedra a outro. O primeiro a dar a pedra é o que tem mais probabilidades de ficar livre. Por isso, enquanto se combina o jogo, o mais ladino, mal a combinação está feita, grita num pronto:

Pedrinha, minha madrinha

Já cá está há três dias. (Águas Santas — Maia).

É este, pois, o que dará a pedra em primeiro lugar, e portanto mais probabilidades tem de ficar livre.

São poucos os rapazes que, afoitamente, escolhem, por palpite, uma das mãos e lhe dão imediatamente a palmada característica da escolha. A maioria prefere acompanhar essa escolha com uma lenga-lenga, batendo ora numa ora noutra mão, até que, ao findar, estala a sapatada indicadora da escolha.

Eis algumas dessas lenga-lengas ⁽¹⁾:

Navalhinha pintadinha,	Minha mãe mandou-me à mestra
Rabo de boi, rabo de bêsta,	Aprender o <i>bi-á-bá</i> .
Disse o meu pai	Minha mestra me ensinou,
Que estava <i>nêsta</i> .	Quero esta que aqui está.
(Moncorvo).	(Águas Santas — Maia).

Pode ainda o que está a tentar a sorte da escolha franzir, com a mão, a testa do que está a dar a pedra e perguntar-lhe:

— Quantos figos tem a figueira?

O número respondido é o número de palmadas a dar alternadamente numa e noutra mão. A última, é claro, é sempre mais puxada. (Também de Águas Santas).

Outras muitas lenga-lengas usam os rapazes para seleccionar, dentre todos, aquele que *há-de ficar*.

Uma usada especialmente no jogo das escondidas:

Os pretinhos da Guiné
Foram-se lavar ao mar,
Encontraram água suja.
Tornaram-se a *relatar*. (Águas Santas — Maia).

O que diz a lenga-lenga, ao mesmo tempo que a pronuncia, vai passando a mão pelas cabeças dos que vão jogar, todos sentados em roda. Aqueles a quem calha o *relatar*, ficam livres e vão saindo.

De modo semelhante procedem com est'outras lenga-lengas, em que *fica livre* aquele a quem cair o *tá* final.

Um, dó, li, tá,	Um, dó, li, tá,
Era di-mendá,	Cara d'amendoá
Picareta florêta,	Um segredo clorêdo
Um, dó, li, tá, (Águas Santas — Maia).	Um, dó, li, tá, (Aveiro).

Nas lenga-lengas há que entrar uma palavra a rimar com a palavra final que decide a escolha.

(¹) Indico a localidade onde colhi cada uma das lenga-lengas, o que não significa estar o seu uso circunscrito à terra indicada; muitas das lenga-lengas que menciono têm larga difusão. Algumas, em ligeiras variantes, são comuns em muitas outras terras do país.

Veja-se a seguinte:

Cesta rabesta
 No cabo da cêsta.
 Disse o meu pai
 Que estava nêsta. (Felgueiras).

Mais duas de Águas Santas, concelho da Maia, tocando em sequência os jogadores postos em fila.

Pim, pam, pum,
 A galinha e o pirú.
 Eu estou livre.
 Quem fica és tu.

Pim, pam, pum,
 Cada bola mata um.
 P'rá galinha e pr'ó pirú.
 Quem se livra
 És mesmo tu.

Ou ainda esta outra:

Um, dois, três, quatro.
 Quantos pêlos tem o gato?
 P'ra acabar de nascer...
 Um, dois, três, quatro. (Moncorvo).

Algumas vezes, para proceder à escolha, os que jogam estendem as mãos, e o que manda o jogo faz essa escolha tocando sucessivamente as mãos de cada um dizendo:

A galinha da papoila (outras vezes dizem *papôna*).
 Põe os ovos à manada.
 Põe um, põe dois, põe três,
 Põe quatro, põe cinco, põe seis,
 Põe sete, põe oito,
 Arrecolhe o teu biscoito. (Águas Santas — Maia).

No *jogo das escondidas*, que os rapazes de Moncorvo costumam jogar no adro da igreja, um deles, que serve de *mesa*, vai passando a mão pelas cabeças dos rapazes postos em fila, de pé ou sentados nos bancos do adro, e vai dizendo:

Ronda ronda,
 Quiqueri bonda,
 Sola mironda,
 Fi flisconda.

Aquele a quem calha o *flisconda* sai, fica livre. Vão saindo sucessivamente, até ficarem só dois.

Então o da *mesa* repete o que disse para cada um dos outros, acrescentando.

Aqui passou el-rei D. Miguel,
Debaixo da ponte de S. Miguel,
Vem cá tu meu picharel,
Raza razão,
Ferelos a meio tostão,
Tão, tão, tão.

Dos dois últimos, aquele a quem calhou o *tão* final *fica livre* e vai esconder-se. O outro é o *que fica*; põe a cara no colo do da *mesa*, *fica a dormir*, dizem os rapazes, até se levantar à ordem da *mãe*.

Poderá vir a servir de cavalo àqueles a que, a pedido da *mãe*, não indicar os sítios onde estariam escondidos.

Se adivinha, isto é, se acerta com o sítio onde se escondeu determinado companheiro, a *mãe* diz: — Sai fulano que não tens cavalo. Se não acerta, a mãe dirá — Sai fulano que tens cavalo.

À amabilidade do amigo Dr. Tito Lívio dos Santos Mota, de quem fui condiscípulo na velha Faculdade de Letras do Porto, devo a variante que segue, remeniscência da sua infância passada no Porto:

Ronda ronda,
Quiqueri bonda,
São Lourenço
Filipe te esconda.

Na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos concelho de Mogadouro, no jogo das escondidas procedem de maneira semelhante. A lenga-lenga é contudo diferente. Ei-la:

Rou rou,
Pinacrou,
Sai-te à ronda,
Feliz feliz-conda.

O *que fica* vai a *escorpichar* os outros. Quando vê algum, diz imediatamente: *Escorpicha*.

E grita em seguida para todos ouvirem.

Sai *saleiro* que já há quem *dórma*.

Todos os que entram no jogp saem dos seus esconderijos e agora *fica* o que foi *escorpichado*.

CONCLUSÕES

Os jogos infantis são factor altamente educativo pelo cumprimento dos preceitos ou regras de cada jogo, o que cria o espírito de disciplina e em muitos casos o sentido da cooperação.

Também por meio dos jogos preferidos e até como a criança os realiza, podemos inferir das suas qualidades, podendo ajuizar do seu temperamento.

Veja-se, p. ex. o que sucede quando se *dá a pedrinha* para na preparação do jogo, se tirar à sorte o que *há-de ficar*.

São raros os que afoitamente, e de pronto, batem na mão que lhes palpita vazia.

O corrente é, como atrás se disse, servirem-se de especial lenga-lenga.

Qual a razão?

Será porque a lenga-lenga, mais ou menos demorada a pronunciar, lhes dá, por assim dizer, um pouco de tempo para a preparação justificativa do palpite?

Será, como já algumas vezes tenho ouvido, para no caso de insucesso, atribuirem a culpa, não a si mesmos, por engano de escolha, mas à insuficiência da lenga-lenga escolhida?

Será enfim pelo prazer da rima?

Na verdade há lenga-lengas para cuja preferência pelas crianças não se encontra outra explicação a não ser o prazer da rima.

Várias considerações se podiam fazer quanto à natureza, significado, e estrutura das lenga-lengas e do emprego de

algumas palavras, mais ou menos exprobadas na linguagem corrente, e que as próprias crianças costumam marcar com a designação de *palavras feias*, que no entanto são ditas com toda a sem-cerimónia e o menor reбуço.

A mesma licenciosidade de linguagem se observa no lançamento dos dentes de leite para trás das costas e para cima do forno, que referi no meu trabalho *Nótula sobre o arremesso dos dentes de leite*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. V, Porto, 1932, págs. 363-368, em que puz em realce o carácter cuprolático da lenga-lenga com que as crianças acompanham o lançamento do dentinho de leite para determinado sítio, no norte do país geralmente para cima do forno.

O encadeamento rítmico de muitas lenga-lengas é particularmente interessante. Esse encadeamento, facilitando a sua fixação, é um esplêndido auxiliar da memória, que as crianças vão exercitando sem disso darem conta.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
15 de Agosto de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR (*)

Membre titulaire da Société d'Etnographie de Paris
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.